

SÃO JOSÉ POLO®

*design
marcas
poder
luxo
estilo*

WILLIAM URY

ENTREVISTA EXCLUSIVA
COM O MAIOR MEDIADOR DE
CONFLITOS DO MUNDO

HOTEL
CAP ESTEL
BUSINESS
RADOMILE
HYPE
AUDI S7
FASHION
ETIQUETA NEGRA
POLO
CLASSIC BOA VISTA
MARCAS
PIAGET

ANO 06 NÚMERO 22 R\$ 25,00



WILLIAM URY, O POSSIBILISTA

[Ricardo Louro]

O ANTROPÓLOGO AMERICANO, QUE É HOJE O MAIOR MEDIADOR DE CONFLITOS DO MUNDO, ESTEVE NO BRASIL E FALOU COM A SÃO JOSÉ.

Bastam duas letras para transformar a palavra hostilidade em hospitalidade. Não é tão fácil assim mudar o sentimento que elas carregam. Principalmente em uma das regiões mais conflituadas do planeta, o Oriente Médio. É preciso mais do que esforços e lutas: é necessário um sonho. Quando se trata de sonho que vem da cabeça do antropólogo americano William Ury é melhor prestar atenção. Há mais de 30 anos, milhões de pessoas seguem suas ideias e tornaram seu primeiro livro, *Getting to Yes* (*Como Chegar ao Sim*), um best-seller adotado em universidades de todo o mundo. Depois da primeira obra, escrita ainda quando estava na graduação da Universidade de Harvard, Ury se dedicou a resolver conflitos nos mais diversos cantos da Terra: da Indonésia a Venezuela, da Chechênia ao Egito, solucionando disputas en-

tre países, empresas ou sindicatos. Agora, aos 59 anos, seu desejo é criar um caminho para desrequear a intrincada situação do Oriente Médio. Otimismo? "Eu não sou otimista, sou possibilista", diz. E argumenta que várias regiões no mundo tiveram mais conflitos do que o Oriente Médio, mas conseguiram chegar a uma convivência pacífica com prosperidade. "Em nenhum continente se deramou tanto sangue quanto na Europa", lembra. "A guerra acabou há menos de 70 anos. Mesmo vivendo problemáticas sérias e crise, ninguém cogita hoje em recorrer à guerra." Mais parecendo italiano do que americano, agitando-se na poltrona, Ury dá outros exemplos: "Quem imaginaria que a escravidão seria extinta, como foi? Até o século passado os homens ainda se matavam em duelos. Ninguém pensa mais nisso".

O CAMINHO DE ABRAÃO

Segundo ele, o caminhar para resolver o problema da paz no Oriente Médio já existe. Tem mil quilômetros, atravessa hoje sete países e teria sido trilhado há 4 mil anos por Abraão, o patriarca das três maiores religiões do Ocidente – o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã –, que influenciaram bilhões de pessoas. No sonho de William Ury, que dirige uma ONG – Abraham's Path –, para organizar a retomada do Caminho de Abraão, os descendentes desse patriarca, que andam brigando bastante entre si, talvez possam se reencontrar, reconhecer suas heranças comuns e limpar a trilha milenar. Quem sabe até redescobrir o segredo de como conviver em paz. Ingenuidade? Loucura? O sonhador William Ury ouviu muitas vezes essas perguntas de seus colegas em Harvard. Primeiro, ele precisou responder à pergunta-chave da pragmática cultura americana: Funciona? “Parece que sim”, ele responde com o sorriso largo que raramente deixa seu rosto. “Não acho que é a solução de tudo.

Mas do jeito que a situação está emperrada na região, o Caminho de Abraão pode ajudar a mudar o jogo. É um trabalho de gerações, claro, mas o importante é dar os primeiros passos. “Eles estão sendo dados. Cerca de três mil e quinhentas pessoas, de diferentes origens e religiões, arrumaram suas mochilas e seguiram os passos de Abraão, no projeto dirigido por Ury e financiado por famílias importantes das três comunidades. O “Caminho” simbólico vem sendo replicado em outros lugares do mundo, como em São Paulo, em 23 de setembro último, no Cami-

nho da Paz, que passou por marcos importantes das três religiões na cidade e já está na quarta edição. São pequenos exemplos diante da imensidão dos conflitos que ainda sacodem o Oriente Médio. Mas William Ury não se deixa abalar facilmente com a complexidade e grandeza dos problemas. Pelo contrário, parece que isso o estimulava. Quando entrou na universidade, imaginava resolver nada menos que a questão da ameaça nuclear ao planeta. E deu uma importante contribuição para nosso mundo não ir pelos ares. Ele passou a juventude nos tempos da Guerra Fria – situação em que Estados Unidos e União Soviética se armavam e ameaçavam, logo depois da Segunda Guerra Mundial até praticamente os anos 80. Em casa, ele já atuava inconscientemente, conta o antropólogo, como mediador entre o pai, empresário liberal, e a mãe, ultraliberal ativista. “Ela era contra a Guerra do Vietnã e a discriminação racial. Meu pai apoiava o presidente Lyndon B. Johnson (vice que assumiu depois da morte de John Kennedy).” Uma temporada de sete anos na Suíça, para onde foi aos seis anos, o levou a um mergulho entre pessoas das mais diferentes origens. “Um de meus colegas de quarto era iraniano e o outro libanês, e na turma havia japoneses, turcos, franceses”, lembra. “Isso colaborou para que eu me interessasse por gente de outras culturas e enxergasse as coisas de maneira diferente. Na solução dos conflitos é fundamental calçar ‘os sapatos’ dos outros, ou seja, tentar se colocar na posição dos dois lados em disputa.”



REGRAS DE OURO

Ideias simples, mas muitas vezes difíceis de serem colocadas em prática, o levaram, com pouco mais de 30 anos, a dirigir o Projeto de Negociações Nucleares de Harvard. Como consultor da Agência de Desarmamento e Controle de Armas dos Estados Unidos, ajudou a construir um importante instrumento para evitar o confronto atômico mundial, os Centros de Controle de Risco Nuclear, que ainda funcionam em Washington e Moscou, e evitam que um acidente dispare uma guerra suicida no planeta. Seu método de negociação, que virou clássico nas universidades, tem algumas regras de ouro: recorrer a um terceiro lado; descobrir as razões por trás dos confrontos; e olhar as disputas em perspectiva, com algum distanciamento ("subir ao balcão", como ele diz). É um recurso milenar, como ele pode comprovar nas visitas que fez como antro-

pólogo a aldeias de tribos africanas, que ainda vivem como a humanidade vivia milênios atrás. "Quando há um conflito, eles escondem as flechas envenenadas e passam dias conversando em volta da fogueira. E não descansam enquanto não acham uma solução. Se os ânimos esquentam demais, eles tiram alguns dias para visitar os parentes, caminhar longe da aldeia e refrescar a cabeça." Talvez, esse método tenha feito a humanidade sobreviver, imagina Ury. Este tipo de comportamento milenar manda um recado para o século 21, para nossos tempos de internet e e-mail: "Uma opção do computador pouco usada por todos nós é a tecla 'salvar rascunho', lembra o antropólogo. "Se usássemos mais essa tecla evitaríamos muita confusão. Ela é o equivalente a dar um tempo para pensar melhor na resposta. Mas as pessoas respondem os e-mails compulsivamente e, muitas vezes, apertam a tecla 'responder a todos', o que dá motivo a muitas interpretações erradas e confusões desnecessárias. Cada pessoa tem

sua motivação e uma leitura diferente, por isso cada caso deve ser respondido e tratado individualmente." A maior dificuldade na solução de um conflito sempre é encontrar as causas que estão por trás, muitas vezes escondidas profundamente, dos dois lados em choque", ensina. Um desafio enfrentado com êxito, por exemplo, nos Acordos de Camp David entre Israel e Egito. Os dois países disputavam o deserto do Sinai. No início das negociações, os lados insistiam em dividir o deserto ao meio, construindo alguma barreira, traçando limites no deserto. Algo que se mostrava impraticável. Por trás dessa insistência estava o orgulho egípcio de manter seu território e o temor de Israel de sofrer novo ataque se os tanques egípcios ficassem próximos de sua fronteira. A solução, finalmente, encontrada foi deixar o território com os egípcios, mas os tanques deles longe da fronteira de Israel. O deserto de Sinai virou zona desmilitarizada e o Egito, até recentemente, era um dos maiores aliados diplomáticos de Israel na região. Quando um conflito é bem solucionado, as consequências são duradouras. Assim como as disputas não resolvidas mantêm e espalham inquietação na região. É fundamental que se encontre um terceiro ator, que atue como mediador isento. No caso entre Israel e Egito, os Estados Unidos, sob o presidente Jimmy Carter, desempenharam esse papel. "O papel do terceiro ator", explica William Ury, "é de se colocar no lugar dos adversários ou contendores. Tentar sentir e pensar como eles pensam. E descobrir uma maneira de evitar que a disputa se torne algo como a discussão para dividir uma mesma torta, do tipo 'se eu ganhar, você perde'. Encontrar uma forma de aumentar a torta, para que ela satisfaça os dois que brigam e ainda sobre para outros." Ury defende que o exemplo do Brasil, onde as três religiões convivem sem maiores conflitos, deveria ser copiado e seguido em outras regiões. "O Brasil é visto como uma espécie de terceiro lado nos conflitos mundiais. Não é uma potência em conflito e serve como mediador." William sabe do que está falando: é casado com uma brasileira há 20 anos e visitou todas as regiões do País.

Seus desejos de uma melhor convivência entre os países e povos sofreram um grande abalo com os atentados de 11 de setembro de 2001, contra as Torres Gêmeas de Nova Iorque e o Pentágono, uma violência inédita na história norte-americana e mundial. Seguiram-se outros em Madrid e Londres, com centenas de mortos. Eles trouxeram de volta as imagens de confronto dos tempos de Guerra Fria, só que agora com outras roupagens: o acirramento da tensão entre Oriente e Ocidente, muçulmanos *versus* judeus, fundamentalistas *versus* liberais. "Será que voltamos ao confronto dualista?", pensou ele. A mesquinha divisão da torta, onde um ganha e outro tem, necessariamente, que perder? E foi assim que começou a ruminar a ideia de construir um terceiro lado, que pudesse inspirar os polos em conflito a se desarmar e voltar a se aproximar. Pensou num velho ditado: "Quando uma situação está complicada, só uma boa história para resolvê-la". Veto, então, à sua história para a história de Abraão, patriarca milológico que ninguém sabe se existiu mesmo, mas é comum a todos os lados em conflito. Assim como sua longa caminhada unificadora, que atravessou 10 países do Oriente Médio, levando mensagens de hospitalidade e fraternidade. "O Caminho traz a ideia da família global. Como todas as famílias, tem seus problemas, mas também seus métodos para resolvê-los. Os homens é que inventaram as guerras e eles têm a tecnologia para terminar com elas. Leva um tempo, mas eles podem chegar lá." Pelo sonho de William Ury, no futuro, quando olharem o mapa-múndi e virem as grandes construções de cada lugar, como a Estátua da Liberdade, a Torre Eiffel, o Cristo Redentor, verão também o Caminho de Abraão, cruzando o Oriente Médio, como símbolo da paz. "A solução para a paz é simples, mas não é fácil. Somos nós." Repete nas inúmeras palestras que faz por todos os cantos do mundo, como um pregador sem religião. "Minha religião é a paz", enfatiza. É uma missão e tanto. Mas alguém já disse que não há grandes feitos na humanidade, sem o combustível dos sonhos. Com uma vantagem: não custa nada para abastecer.





WILLIAM URY, 59 ANOS, ANTROPÓLOGO SOCIAL. NASCIDO EM CHICAGO, MORA EM BOULDER, COLORADO. CASADO HÁ 20 ANOS COM A BRASILEIRA LIZANE, TEM TRÊS FILHOS: CHRISTIAN, 25, THOMAS, 23 E GABRIELA, 14.

PERSONALIDADES
MAIS ADMIRADAS:
*Mahatma Gandhi
e Nelson Mandela.*

MÚSICA PREDILETA:
Imagina, de John Lennon.

HOBBY PREDILETO:
Caminhar nas montanhas.

FRASE:

"Caminhante no lay camina, se hace camino al andar". Antonio Machado, poeta espanhol.

MELHOR
CONSELHO:
*Cobrar-se no lugar
do outro.*

LIVRO PREDILETO:
Tao Te Ching.

O QUE NÃO FAZER:
Reagir impulsivamente.

MAIOR
CONQUISTA:
*Centros de crise
US/URSS para evitar
acidentes nucleares.*

MAIOR
FRACASSO:
*Negociação
Rússia-Chechênia.*

situação pessoal horrível, minha mãe estava no hospital à beira da morte.”

RESULTADO: a Rússia ocupou a Chechênia e um dos jovens que atuava na Chechênia alistou-se na Al-Queda, sendo um dos protagonistas do atentado de 11 de setembro. Vladimir Putin, que comandou a ocupação da Chechênia, foi eleito presidente e não saiu do poder até hoje.

PORPOUCO NÃO FOI PELOS ARES

1989 – Moscou – Reuniram-se representantes dos governos soviético e norte-americano, além de convidados cubanos que estiveram na crise dos mísseis de 1962. William Ury era diretor associado do projeto para evitar a guerra nuclear da Universidade Harvard, consultor da Agência de Desarmamento americana e da Casa Branca. Ele se deu conta do perigo que o mundo passou naquele ano de 1962, quando o presidente Kennedy exigiu que a União Soviética retirasse os mísseis nucleares que havia instalado em Cuba, a poucos quilômetros da costa norte-americana. “A ordem do presidente Kennedy era dispará-los, caso um avião americano fosse atingido. E, um avião entrou inadvertidamente em território soviético. Um general soviético não teve dúvida, mandou abatê-lo. E, então? Começar ou não a guerra? Mais uma vez as negociações diplomáticas evitaram o pior. Os soviéticos relutaram em recuar, mas acabaram retirando seus mísseis. O risco de que alguém apertasse o botão e disparasse armas nucleares, mesmo que por acidente, continuou. Só mais de 20 anos depois, em 1985, o ex-presidente Reagan e o dirigente soviético Gorbachev concordaram em estabelecer centros de redução do risco da guerra nuclear. As conversações continuaram até 1989, quando finalmente os Centros de Controle do Risco Nuclear foram montados em Washington e Moscou.” Um feito não desprezível para a paz mundial, seguido pela negociação. Para William Ury, participar desse processo foi sua principal conquista profissional, além da realização de um sonho de juventude.



2002/2004 – TEMPOS TUMULTUADOS NA VENEZUELA. CHÁVEZ HAVIA SOFRIDO UM GOLPE EM 2002 E CHEGOU A SER PRESO. DEPOIS REEMPOSSADO, A OPOSIÇÃO EXIGIA A REALIZAÇÃO DE UM REFERENDO POPULAR PARA CONFIRMÁ-LO NO PODER. INDICADO PELO EX-PRESIDENTE AMERICANO JIMMY CARTER, WILLIAM URY FOI O MEDIADOR E PASSOU POR UM DOS GRANDES APERTOS DA SUA CARREIRA.

ENFRENTANDO CHÁVEZ

“O presidente marcou um encontro comigo para as 10 da noite, no Palácio. Passou 10, 10 e meia, 11, 11 e meia. À meia-noite ele apareceu, acompanhado por seus ministros. Eu estava negociando com a oposição para haver um tratamento igualitário, um *fair play*, por parte da imprensa.

Conectei a dizer que estavam tendo alguns progressos, quando me interrompeu. “Que progressos?” bradou. E passou meia hora usando palavras pesadas contra mim, acusando-me de estar sendo parcial, como americano, e dando outros argumentos agressivos. Minha primeira reação era replicar. Mas lembrei do conselho de um amigo: beliscar a palma da mão. Isso desviou a atenção por uns momentos e nos possibilita tomar uma certa distância do que está acontecendo. Porém o presidente venezuelano falava e falava. Até que cansou depois de meia hora e me perguntou: “Bom, você está aqui, o que eu posso fazer?” Sugeri que toda a sociedade venezuelana precisava de um tempo para refrescar os ânimos e pensar melhor. Era época de Natal. Todos deveríamos tirar uns dias de descanso e decidirmos em janeiro o que era melhor.”

RESULTADO: O referendo foi realizado em agosto de 2004 e Chávez foi confirmado por 58% dos votos. Apesar das reclamações da oposição, os observadores internacionais reconheceram a legitimidade da votação.

RÚSSIA E CHECHÊNIA, UM FRACASSO

1999/2000 – A RÚSSIA NEGOCIAVA COM A CHECHÊNIA O FIM DOS CONFLITOS NA REGIÃO, QUE QUERIA SUA INDEPENDÊNCIA.

“Se o terceiro lado não está forte, os conflitos não são superados. É como o sistema imunológico do corpo humano. Se está fraco, a doença não é curada. Nos dois lados havia gente querendo chegar a um acordo, mas a situação econômica da Chechênia era muito ruim. Havia jovens sem trabalho, facilmente recrutáveis para o terrorismo. E os outros países não estavam interessados em ajudar. Eu vivia uma

"SE USÁSSEMOS MAIS A TECLA 'SALVAR RASCUNHO' NO COMPUTADOR, EVITARÍAMOS MUITA CONFUSÃO."

A HISTÓRIA DE ABRAÃO

Judeus, cristãos e muçulmanos acreditam que seus profetas descendem de Abraão. Os judeus reivindicam sua descendência de Abraão pelo seu filho Isaac. Assim como os cristãos, afinal Cristo era judeu. Já os muçulmanos consideram-se descendentes de Ismael, primeiro filho de Abraão, Ibrahîm para eles. Contam os livros sagrados das três religiões que Abraão/Ibrahîm, com a família, teria andado mais de mil quilômetros, saindo de Ur, no atual Iraque, passando pelas terras da Turquia, Síria, Líbano, Jordânia, Israel e Egito, para chegar a Hebrão, nos territórios palestinos, onde teria morrido. Nessa longa viagem, ficou famoso por receber os estrangeiros com hospitalidade, distribuir comida entre os pobres e pregar a solidariedade. Essas são as qualidades que Ury quer resgatar pelo Caminho de Abraão. "Ele foi o primeiro turista", defende. "Turismo é o inverso de terrorismo: este mata um inocente para gerar medo nos outros, aquele trata bem o estranho e gera confiança nos outros. Essas qualidades, a população, em contato com os estrangeiros, começa a resgatar, passo a passo. 'No caminho', as pessoas andam ombró a ombró, não face a face, em atitude de confronto. É uma postura de ajuda, de fraternidade, de aproximação. Ao mesmo tempo, a caminhada é uma descoberta de lugares ancestrais, comuns à história de todo o Ocidente. As pessoas que fazem a caminhada levam, também, prosperidade por onde passam. Isso tudo começa a quebrar as atitudes de confronto", nota Yuri. www.abrahamspath.org

CAMINHO DA PAZ Desde as profundezas da Floresta Amazônica até as ruas das grandes cidades, o Brasil abriga exemplos de convivência pacífica entre as três grandes religiões ocidentais: o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Os batalhões que levavam mercadorias pelos rios da Amazônia podiam ser de judeus, muçulmanos ou cristãos. E deixaram suas marcas em cidades desde o extremo do Acre até Belém e Manaus. Nas ruas de comércio popular do Rio, São Paulo, Recife e Salvador, os donos de lojas de diferentes crenças são vizinhos e participam das mesmas associações. No dia 23 de setembro, a maior cidade do Hemisfério Sul do planeta, que reúne uma das maiores colônias sírio-libanesas do mundo, assim como a maior população judaica do País e, ao mesmo tempo, é lar de milhões de católicos e protestantes, deu mais um exemplo de que é possível e saudável caminhar conjuntamente em paz. Pelo quarto ano seguido, líderes das três religiões chamadas de "abrahâmicas", organizaram em São Paulo a "Corrida da Amizade", que este ano passou a incluir também caminhada e intervenções urbanas – compondo o "Caminho da Paz", um dos cinco eventos mundiais que conta com o apoio da Aliança dos Povos da Organização das Nações Unidas. Desta vez, 3.500 pessoas de diferentes etnias e religiões, percorreram sete quilômetros da

capital paulista, passando por símbolos dos povos do Oriente Médio que se estabeleceram no Brasil, como os Clubes Monte Líbano, Pinheiros e Hebraica. Havia atletas e não atletas de todas as idades, famílias – pais empurrando carrinhos de bebê ou levando crianças nos ombros –, cada um no seu tempo, andando ou correndo e respeitando o ritmo de cada um. Um grupo de deficientes visuais saiu na frente, com seus guias, emocionando o grupo. Além de grandes líderes das três comunidades, participaram do evento o Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, o prefeito da cidade, Gilberto Kassab, além do idealizador da ONG Caminho de Abraão, William Ury, que estimula iniciativas semelhantes em diversos países. Durante 15 dias, ícones ao ar livre com as palavras, Solidariedade, Amor, Paz, Diversidade, Liberdade, Amizade e Respeito, com até 19 metros de comprimento, foram espalhadas por importantes avenidas da cidade, como a República do Líbano e a Juscelino Kubitschek, para lembrar que aquelas palavras, transformadas em atitudes, podem mudar o ambiente, tanto o mais próximo quanto o global. A corrida ou caminhada, dependendo do gosto do participante, terminou com os grandes líderes, cada um representando uma comunidade, de mãos dadas. O show de Gabriel, o Pensador, deu o toque final para a jornada e a reflexão.